

# Recursos externos não vão retornar tão cedo ao Brasil

*Plano Real foi montado com base na lógica do fluxo abundante e barato de capitais externos*

O modelo que serviu de lastro para o Plano Real está praticamente esgotado na avaliação do sócio da Oryx Asset Management, Antônio Costa. O Real, diz ele, foi montado com base na lógica do fluxo abundante e barato de capitais externos, do potencial das privatizações e de que haveria tempo para recuperação da balança comercial. "Estas três condições acabaram", pondera, observando que os recursos externos não vão retornar tão cedo, as privatizações ficaram mais difíceis e a recessão mundial e a queda no preço das commodities vão dificultar a recuperação da balança comercial.

"Quando a situação atual se acalmar, vai ser preciso repensar o modelo", diz. O Brasil, defende, tem muitas vantagens com relação a outros emergentes. "A Rússia é um país desorganizado", lembra. "Mas o nosso sistema político é muito mais avançado e depois da crise, o núcleo de poder vai estar intacto", acrescenta, considerando a hipótese de vitória de Fernando Henrique Cardoso.

O novo modelo, diz, vai contar com uma desvalorização gradual do câmbio um pouco mais intensa do que a que vinha sendo executada pelo governo para abaixar os juros. "Vai ser preciso repensar as reformas e a estrutura de importação", acrescenta. Nesta alternativa, segundo ele, as importações serão reduzidas também por aumento de alíquotas e não apenas com queda da atividade interna. "É o nosso Plano B do Paul Krugman", diz, fazendo referência ao economista americano que defendeu um Plano B para os países asiáticos.

RITMO DE  
CRESCIMENTO  
VAI CAIR NO  
INÍCIO DE 99

Para o economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate, é cedo para avaliar que a lógica que sustenta o plano precisa ser redefinida. Os recursos externos, conta, podem voltar em um prazo relativamente curto. "O panorama mundial muda muito rapidamente", diz. Há 40 dias, o leilão da Telebrás foi um sucesso, com forte presença externa e o governo falava em perder reservas, porque elas estavam altas e os recursos de curto prazo não interessavam, lembra Abate. "Qualquer que seja o resultado da crise, o ritmo de crescimento vai cair e pelo menos no primeiro semestre de 99 o quadro será de recessão", observa Celso Luis Martone, professor da Faculdade de Economia e Administração da USP e sócio da MCM Consultores. O governo, diz, vai precisar reduzir fortemente o déficit em conta corrente. O ajuste da economia, acrescenta, pode vir por choque fiscal, correção do câmbio

ou juros. "A solução mais simples é ajustar o câmbio", defende.

Odair Abate, do Lloyds, acredita que as taxas atuais de juros – 50% – tendem a cair com muito mais rapidez do que após a elevação de outubro passado. "Em uma ou duas reduções elas voltam ao nível anterior", observa. "Mas ainda assim elas não são neutras sobre a atividade." Para ele, "as sementes da desaceleração já estão presentes".

Abate lembra que na semana passada já surgiram informações de férias coletivas (Ford, GM e Fiat) e bancos reduzindo linhas de crédito (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal), além do encarecimento dos juros no comércio e nas instituições financeiras. Mesmo os investimentos produtivos, avalia, serão prejudicados. "Como o custo do dinheiro ficou mais elevado, alguns projetos tendem a ser postergados", diz. (D.N.)